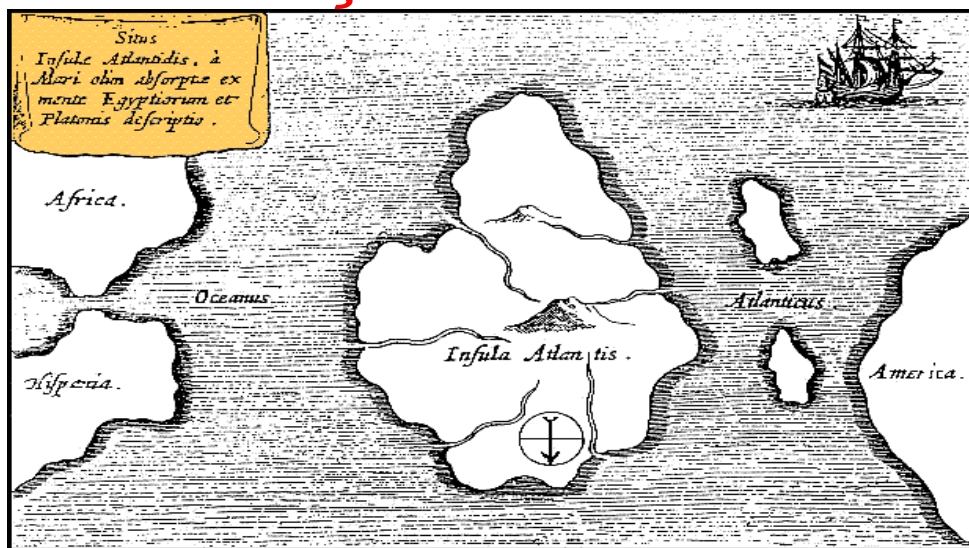


CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS



CADERNO Nº 15 junho 2012

DEDICADO A MARCOLINO CANDEIAS

Todas as edições estão em linha em <http://www.lusofonias.net>

Editor AICL/Colóquios da Lusofonia Chrys Chrystello EDITOU ESTE NÚMERO)

Coordenação Chrys e Helena Chrystello

CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia para todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)

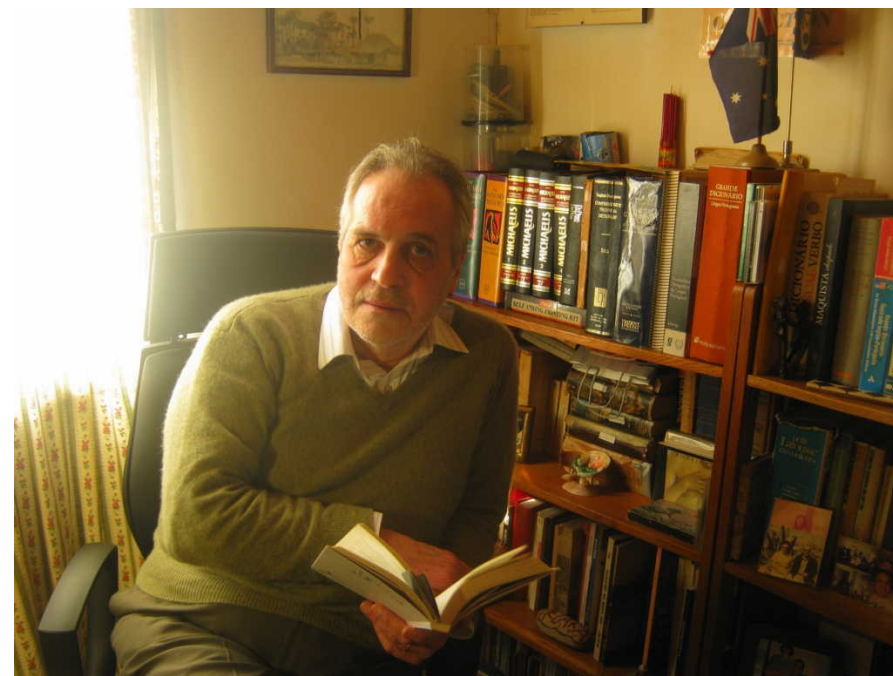


Editado por

COLÓQUIOS DA LUSOFONIA (AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

- revisto outubro de 18

Em linha ISSN 2183-9239 CD-ROM ISSN 2183-9115



NOTA INTRODUTÓRIA DO EDITOR, CHRYS CHRISTELLO

No XI Colóquio da Lusofonia na Lagoa em 2009 (4º Encontro Açoriano), decidimos obviar ao fim do Curso de Estudos Açorianos na Universidade dos Açores¹ e organizar na Universidade do Minho, Braga, com a colega Rosário Girão, um **Curso Breve “AÇORIANIDADE(s) e INSULARIDADE(s)”**.

A partir desse ano, diversos alunos de mestrado da Universidade do Minho, entre outras, trabalharam autores açorianos traduzindo excertos para francês e inglês e tais autores açorianos foram incluídos em doutoramentos e mestrados na Polónia e Roménia.

Decidimos então criar no nosso portal AICL (www.lusofonias.net) os **Cadernos de Estudos Açorianos** para dar a conhecer excertos de obras (na sua maioria esgotadas) de autores açorianos e, assim, abrir uma janela de conhecimento e divulgação sobre esta peculiar e rica escrita que entendemos ser diferente.

¹ Criado e ministrado por Martins Garcia, posteriormente, por Urbano Bettencourt

Em janeiro 2010, brotaram estes desprezíveis **CADERNOS de ESTUDOS AÇORIANOS** para acesso generalizado, fácil leitura e descarga em formato pdf. A sua conceção assenta na premência de dar a conhecer a **AÇORIANIDADE LITERÁRIA, servirem de complemento aos currículos regionais e às Antologias de Autores Açorianos que a AICL começou a publicar a partir de então.**

Os CADERNOS de ESTUDOS AÇORIANOS são uma publicação trimestral que tenta chegar a leitores nunca imaginados em todo o mundo. Não há qualquer critério – além da arbitrariedade - a definir a ordem de apresentação dos autores.

Muitos autores fazem parte da **ANTOLOGIA DE AUTORES AÇORIANOS CONTEMPORÂNEOS** que a Helena Chrystello e a Rosário Girão compilaram na versão **bilingue** (PT-EN) em 2011, na **monolingue** em 2012, na Coletânea de Textos Dramáticos de 2013, a que seguiu, em 2014, uma Antologia no Feminino **“9 ilhas, 9 escritoras”**. Acolhemos como premissa o conceito de **Martins Garcia** que, admite uma literatura açoriana *«enquanto superestrutura emanada de um habitat, de uma vivência e de uma mundividência»*.

A açorianidade literária (termo cunhado por Vitorino Nemésio, na revista Insula, em 1932) não está exclusivamente relacionada com peculiaridades regionais, nem com temas comumente abordados na literatura (a solidão, o mar, a emigração), ou como escreveu **J. Almeida Pavão** (1988)...*“assume-se tal Literatura com o estatuto de uma autonomia, consentânea com uma essencialidade que a diferencia da Continental”*.

Assim, para nós [AICL], é Literatura de significação açoriana, *“a escrita que se diferencia da de outros autores de Língua portuguesa com especificidades que identificam o autor talhado por elementos atmosféricos e sociológicos descoincidentes, justaposto a vivências e comportamentos seculares sendo necessário apreender a noção das suas Mundividências e Mundivivências, e as infrangíveis relações umbilicais que as caracterizam face aos antepassados, às ilhas e locais de origem”*.

A AICL entende que o rótulo comum de **açorianidade** abarca extratos diversos de idiossincrasias:

— *Um de formação endógena, constituído pelos que nasceram e viveram nas Ilhas, independentemente do facto de se terem ou não terem ausentado;*

— *O dos insularizados ou «ilhanizados»², e de todos que consideram as ilhas como “suas” de um ponto de vista de matriz existencial;*

- Um de formação exógena, no qual se incluem todos os que não nascendo nas ilhas a elas estão ligados por matrizes geracionais até à sexta geração.

As obras já desenvolvidas e publicadas pela AICL (Colóquios da Lusofonia) em parceria com a Editora Calendário de Letras, numa série de antologias, visam dar a conhecer ao público em geral e – muito especialmente – aos professores e estudantes, excertos de autores cujas obras estão fora do mercado comercial, das livrarias e muitas vezes até das bibliotecas. Sugerimos pois a consulta das seguintes obras coeditadas pela Editora Calendário de Letras

- Antologia Bilingue de (15) Autores Açorianos Contemporâneos,
- Antologia (Monolingue) de (17) Autores Açorianos Contemporâneos,
- Coletânea de Textos Dramáticos de (5) Autores Açorianos,
- Antologia no Feminino “9 Ilhas, 9 Escritoras”

Ou a nível mais pessoal o meu livro **“CHRÓNICAÇORES** (vol. 2) uma circum-navegação de Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores, e o **“Crónica do Quotidiano Inútil**, 40 anos de vida literária”, com as suas doses de açorianidade.

Para os iniciados em autores e temas açorianos, sugerimos que consultem a BIBLIOGRAFIA GERAL DA AÇORIANIDADE com mais de 19 mil entradas compilada ao longo de mais de sete anos e a ser publicada em 2017. Ali incluímos autores açorianos (residentes, expatriados e emigrados), estrangeiros ou nacionais (açorianizados ou não) que escreveram sobre temáticas açorianas. Exhaustiva é, mas ainda incompleta, se bem que seja indicadora do se tem produzido e muito do qual merece ser lido, analisado, criticado, trabalhado e traduzido.

Nem todos os trabalhos dizem respeito a literatura já que a quisemos tornar o mais abrangente possível e englobar nela o maior número de obras, de uma forma ou outra, relativas à AÇORIANIDADE. Dentre as obras literárias muitas não serão obras-primas nem relevantes, outras permanecem atuais pelo seu interesse histórico, mas por entre o trigo e o joio há excelentes obras à espera de serem descobertas, lidas e ensinadas.

Aqui se publicaram autores contemporâneos presentes nos colóquios: **Onésimo T. Almeida, Cristóvão de Aguiar, Daniel de Sá, Dias de Melo, Vasco Pereira da Costa, Caetano Valadão Serpa, Eduíno de Jesus, Urbano Bettencourt e Eduardo Bettencourt Pinto, além de nomes incontornáveis como Álamo de Oliveira, Fernando Aires, Mário Machado Fraião, Emanuel Félix, Maria de Fátima Borges e hoje MARCOLINO CANDEIAS.**



² adotando a designação feliz utilizada por Álamo Oliveira, a propósito do poeta Almeida Firmino



MARCOLINO CANDEIAS

Marcolino Candeias (M. C. Coelho Lopes) nasceu a 28 de agosto de 1952, na ilha Terceira, na freguesia de Cinco Ribeiras, concelho de Angra do Heroísmo, cidade onde completou os estudos secundários. Ali faleceu em 1 de maio de 2016. Ainda estudante liceal revela-se como poeta em páginas académicas e na “Glacial”, suplemento literário de A União, vindo a publicar *Por ter escrito Amor* (1971), um conjunto de poemas que, na época, causou sensação junto dos mais jovens e alguma celeuma junto dos mais velhos; participou então em diversas atividades culturais, tendo sido sócio da cooperativa cultural Sextante, estando muito próximo da ação cultural então liderada por José Orlando Bretão, ao qual se ligou por fortes laços de amizade.

Cumpriu serviço militar em Angola, durante o período conturbado da descolonização, após o que iniciou estudos superiores na Universidade de Coimbra. Nesta universidade obteve o bacharelato em Filologia Românica e, em seguida, a licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas, com distinção.

Professor estagiário no ensino secundário foi assistente nas universidades dos Açores e de Coimbra. Publica *Na distância deste tempo* (1984).

Em 1986, partiu para o Canadá (Montreal) para exercer as funções de Leitor de Português na Universidade de Montreal, onde além da língua ensinou Cultura Portuguesa e Brasileira. Na qualidade de chefe da Secção de Estudos Portugueses e Brasileiros, representou naquela universidade, nos finais dos anos 80, o primeiro projeto *mineur* {minor} en *Études luso-brésiliennes*. Permaneceu naquele país onze anos. Ainda em Montreal, esteve ligado à imprensa comunitária de língua portuguesa. Entretanto, desempenhou as funções de assessor da direção e do conselho de administração da *Caisse d'économie des Portugais de Montréal*, cooperativa financeira fundada por emigrantes portugueses, filiada na poderosa rede de caixas populares do *Mouvement Desjardins*.

Regressado aos Açores, foi diretor da Casa da Cultura da Juventude de Angra do Heroísmo (1987-1999), cargo que ocupou até ser nomeado Diretor Regional da Cultura no último ano de mandato do VII Governo Regional (1999-2001) e, em seguida, do VIII Governo Regional, e Presidente do Gabinete da Zona Classificada de Angra do Heroísmo (2001-2005).

Participante, desde muito jovem, em atividades culturais, surgiu como poeta com a Geração Glacial, que trouxe um contributo considerável à atividade literária nos Açores. Tido como uma das vozes marcantes da poesia açoriana, publicou dois livros de poesia e tem colaboração dispersa em publicações portuguesas e estrangeiras; tem alguns poemas traduzidos para inglês e eslovaco e está representado em variadas antologias poéticas nacionais e estrangeiras.

Marcolino Candeias é considerado uma das vozes mais importantes do grupo a que pertenceu e a que se convencionou chamar de *Geração Glacial*, fundamentalmente preocupado com os valores mais profundos relacionados com a sociedade, a liberdade, a democracia e o papel do homem neste contexto e que trouxe um contributo considerável à atividade literária nos Açores. Sem dúvida, um dos maiores poetas do arquipélago tem colaboração dispersa por jornais e revistas nacionais e estrangeiras, bem como alguns poemas traduzidos para inglês e eslovaco.

É também o autor das histórias orais, de que existem registos videográficos, que relatam a visão de um antigo emigrante terceirense de origem rural na Califórnia (Joe Canoa), sobre os valores e comportamentos do mundo envolvente.

Está representado em numerosas antologias poéticas.

É, além disso, autor de diversas capas de livros e de cartazes de promoção de eventos culturais.

[Artigo de E. Félix, na Enciclopédia Açoriana, adaptado e atualizado].





Obras:

1. Candeias. Marcolino. (1971). *Por ter escrito amor*. Ed. autor: Angra do Heroísmo
2. Candeias. Marcolino. (1977) in *Antologia de poesia açoriana: do séc. XVIII a 1975* de Pedro da Silveira, ed. Sá da Costa
3. Candeias. Marcolino. (1982). *Semântica e sintaxe do Português*, ed. Almedina
4. Candeias. Marcolino. (1984). *Na Distância deste Tempo*. Secretaria Regional da Educação e da Cultura: col. Gaivota, esgotado.
5. Candeias. Marcolino. (1985). *Estrutura semântica dos pequenos anúncios portugueses de venda de imóveis*, ed. autor. Coimbra
6. Candeias. Marcolino. (1985). *Coesão-coerência do texto: aspetos teóricos*, ed. autor. Coimbra
7. Candeias. Marcolino. (1990). *Semântica e sintaxe do português com Metzeltin, Michael*. Coimbra: Almedina [ISBN 972-40-0589-5].
8. Candeias. Marcolino. (1995). "Le cercle des poètes disparus". *Journal de Montreal* 1 jul.
9. Candeias. Marcolino. (2000). *Nove rumores do mar. Antologia de Poesia Açoriana Contemporânea*, org. Eduardo Bettencourt Pinto e Vamberto Freitas, Instituto Camões e Seixo Publishers
10. Candeias. Marcolino. (1999). *Na distância deste tempo*. Lisboa, ed. Salamandra col. Garajau Série Especial: 2ª ed. *Revista* englobando dois poemas que não constavam da 1ª Ed.

11. Candeias. Marcolino. (2005) in *International Who's Who in Poetry*.
12. Candeias. Marcolino. (2007) in *Voices from the islands. an Anthology of Azorean Poetry*. John M K Kinsella. Gávea-Brown Publications. Providence. Rhode Island
13. Candeias. Marcolino. (2007). *The Europa world of learning*. Taylor and Francis Group: 1712
14. Candeias. Marcolino. (2011) in *Antologia Bilingue de Autores Açorianos Contemporâneos* de Helena Chrystello e Rosário Girão. AICL, *Colóquios da Lusofonia*, ed. Calendário de Letras, Vila Nova de Gaia
15. Candeias. Marcolino. (2012) in *Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos* de Helena Chrystello e Rosário Girão. AICL, *Colóquios da Lusofonia*, ed. Calendário de Letras, Vila Nova de Gaia
- 16.



Citação escolhida:

“Onde quer que um grupo numa sociedade detenha o poder, tratará de impor a sua ideologia aos demais membros da sociedade. Como uma língua é um dos meios mais poderosos para veicular uma ideologia, mas também para a combater, o grupo dominante tratará por conseguinte de impor também a sua língua como modelo, enquanto os dissidentes tratarão de a destruir”.

Semântica e sintaxe do português, pág. 274. Livraria Almedina, Coimbra, 1982



Última conversa com João Vital

Depois amigo depois desta notícia
meu riso foi todo o dia como quem chupa um limão apenas por
[aposta]

Caíste em minha alma como um pesado castanheiro amarelo
que eu tivesse conhecido desde a infância
e de repente
tão de repente como quem acorda pela manhã
caísse a meu lado inanimado e seco

Pesa-me que terminem assim nossas conversas no Aliança
(sempre inacabadas pela súbita chegada da «urbana»)
onde me ofereceste tabaco doirado e aromático
tabaco para fazer poemas
e uma quadra em que te vi tão cristalinamente radiografado
como uma fonte
e em que me fizeste compreender por que a existência
te comprava por vezes a verdade

Tenho ainda tua pequena tosse em meus ouvidos
tua figura de enorme gigante bom em meus olhos
teus depoimentos de perpétuo estudante

Sòmente jamais te verei como uma árvore frondosa
fasciculadamente enraizada no povo
agitando mansamente a copa
para inventar cantigas

Minhas palavras não terão mais resposta
do outro lado frio e triste da mesa do Aliança

E a conversa inacabada meu amigo

MARCOLINO CANDEIAS

ÚLTIMA CONVERSA COM JOÃO VITAL

GENTE E TEMPO, NA DISTÂNCIA DESTE TEMPO. LISBOA, EDIÇÕES SALAMANDRA,
COLEÇÃO "GARAIAU", SÉRIE ESPECIAL, 2ª EDIÇÃO REVISTA, 2002, PP. 17-18.

À memória de João Vital, grande poeta popular terceirense, cantador de improviso ao desafio nas Festas do Espírito Santo da Ilha, autor de 'danças', leitor constante e incansável, perene aluno da vida, cidadão do mundo, meu grande amigo e companheiro de conversa pelas tardes dentro, quando nos encontrávamos à mesa, no Aliança. Falecido em S. Bento, Angra do Heroísmo, em janeiro de 1972.

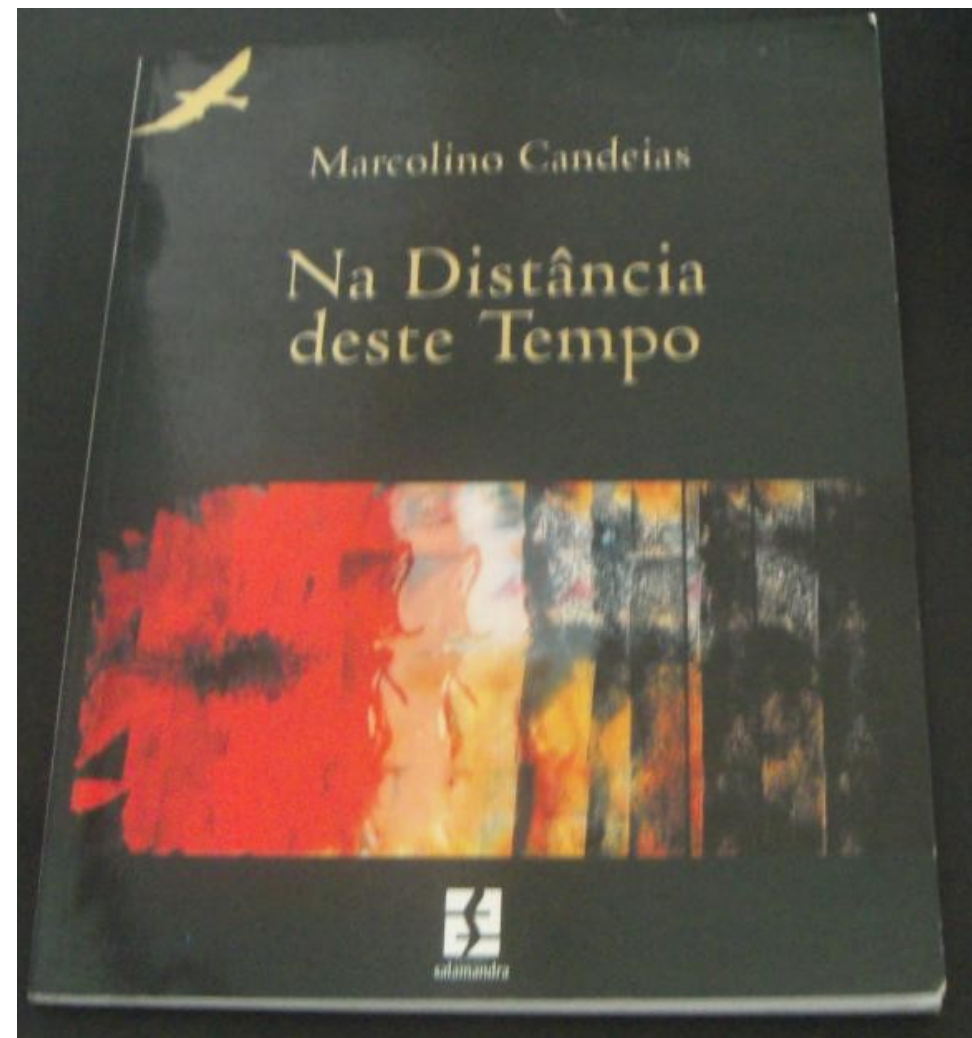
Depois amigo depois desta notícia
meu riso foi todo o dia como quem chupa um limão apenas por aposta

Caíste em minha alma como um pesado castanheiro amarelo
que eu tivesse conhecido desde a infância
e de repente
tão de repente como quem acorda pela manhã
caísse a meu lado inanimado e seco

Pesa-me que terminem assim nossas conversas no Aliança
(sempre inacabadas pela súbita chegada da urbana)
onde me ofereceste tabaco doirado e aromático
tabaco para fazer poemas
e uma quadra em que te vi tão cristalinamente radiografado
como uma fonte
e em que me fizeste compreender por que a existência
te comprava por vezes a verdade
Tenho ainda tua pequena tosse em meus ouvidos

tua figura de enorme gigante bom em meus olhos
teus depoimentos de perpétuo estudante
Somente jamais te verei como uma árvore frondosa
fasciculadamente enraizada no povo
agitando mansamente a copa
para inventar cantigas
Minhas palavras não terão mais resposta
do outro lado frio e triste da mesa do *Aliança*

E a conversa inacabada meu amigo



CARTA DE JOE SIMAS

GENTE E TEMPO, NA DISTÂNCIA DESTE TEMPO. LISBOA, EDIÇÕES SALAMANDRA, COLEÇÃO "GARAIAU", SÉRIE ESPECIAL, 2ª EDIÇÃO REVISTA, 2002, P. 21.

Recebi carta hoje.

From Joe Simas
San Francisco P.O. Box 87
California 90405
United States of America

Fala-me de muitas coisas.

Manda-me um abraço grande como o seu coração.

E conta-me sobretudo coisas que não se contam.

Sua carta diz-me pura e rica como sua voz
de mechins para um tudo de chitões e de tões
do Chinatão à noite e de Frank Soisa nas Festas de Gestinas.
Que o Vale de São Francisco é um céu incanado.

Conta-me de brigas notícias de Norioque
que veio na talaveija e os papeles troiveram
de fitas faladas que viu em amaricano
accidents no friuei charefas leitarias
e diz que na América o passadio é outro.

E fala-me ainda de muitas porquidades por aquela América

sem pontos sem vírgulas e jamais assento em sua aventura.

Joe Simas San Francisco Valley. Vale de São Francisco
onde não há paredes
e o sonho ribomba pela campina fora.

Sua carta conta-me coisas que só visto
e com amizade termina em bolinhas e cruzeiros.



PASSEIO DOS POETAS



POEMA DE SAUDADE ARDENTE

ILHA DE EMOÇÃO, NA DISTÂNCIA DESTE TEMPO. LISBOA, EDIÇÕES SALAMANDRA, COLEÇÃO "GARAIAU", SÉRIE ESPECIAL, 2ª EDIÇÃO REVISTA, 2002, PP. 25-26.

Se vierem perguntar digam que não estou
que não existo que nunca existi
há engano certo deve ser na porta ao lado
digam que morri que não comerei mais
que estou tentando morrer de saudade

Quero lancetar meu coração serenamente
pensando em minha terra meu pedacinho de pátria chorar um estranho prazer
recordar sem nada nada de sonho a minha casa
ver pregar-se em mim o pequeno enxame de meus amigos pais familiares sem fim
e ficarmos todos formigando sobre o mel da chegada
refrescar meus lábios de vinho de cheiro azul celeste e sol
minha garganta seca como torrão

Quero sufocar a mão fechada deste quarto
no fumo ausente de meu cigarro tonto
como se estivesse em Angra no café dizendo palavras rolando em espirais
sem nada nada nada mas com pequenos goles
e muita muita muita amizade construindo o tempo
e a política e o poema e a noite e a vida

Se vier alguém digam que nunca fui nem estive
digam que fugi que montei o Pégaso e vou a correr na montanha-russa

como se de súbito me tornasse tão menino
que o mundo coubesse em mim

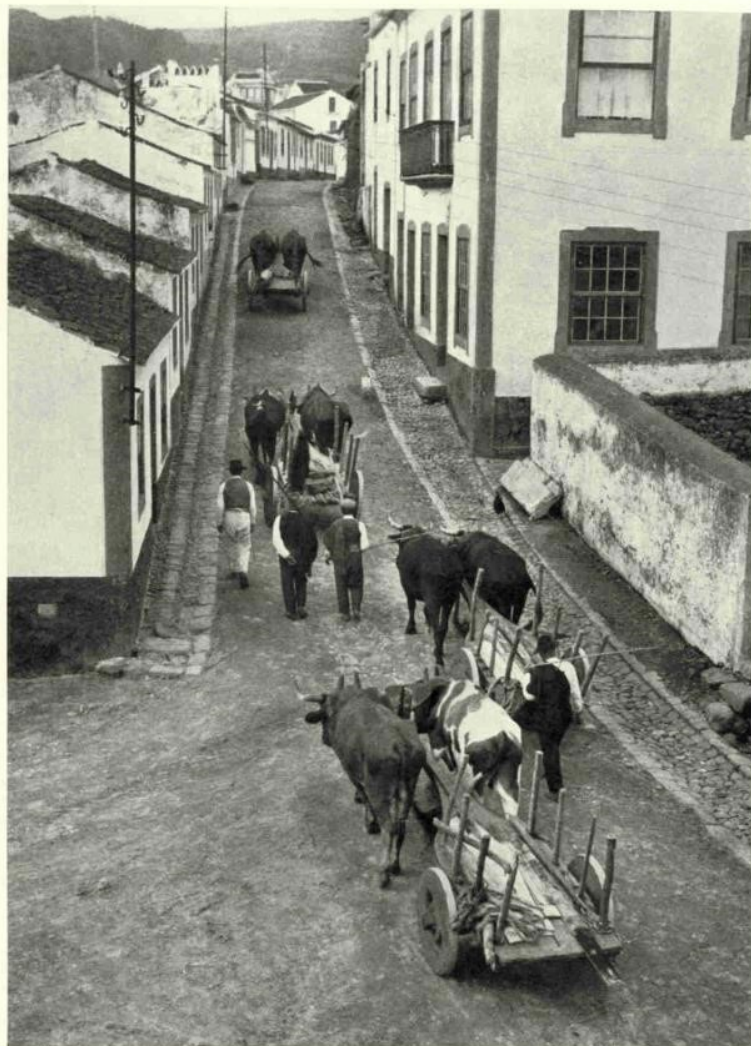
Se vier alguém digam que estou na Casa Velha a cuidar dos netos à vinha com meu
pai

que é doutor nisso
que estou nas Monteiras acariciando o eucalipto grande que plantei em miúdo
digam também que fui aos toiros a um lugar qualquer
e estou numa tasca bebendo uma cerveja gelada molhada
estorricando amendoim e favas torradas com os dentes saudosos

Digam ainda
que sempre estive lá nunca me ausentei
que tenho a boca seca de tanta saudade
que hoje é Dia de Bodo e tenho os olhos a arder
com 40º de iluminações e arraiais
muitas raparigas passeando com os pés apertados nos sapatos novos
que não sentem com o gosto da festa
a música a tocar muitos rapazes de fora e foguetes
fazendo namoro piscando a aceleração das motorizadas
muita festa muita alegria

Por favor digam que não estou
digam a mim próprio que não existo

Mas digam de modo a convencer-me



Photograph by Wilhelm Tobien

BACK TO THE FARM GO THE "SINGING CARTS"

They get their flattering name from the squeaky sound of wooden wheels revolving on axles also of wood. When the crude vehicles are bound for market with heavy loads the friction sometimes sets them afire. Now empty, they pass through the outskirts of Angra do Heroísmo, whose main streets are much wider.

1935

NOVAS DA ILHA

ILHA DE EMOÇÃO, NA DISTÂNCIA DESTE TEMPO. LISBOA, EDIÇÕES SALAMANDRA, COLEÇÃO "GARAIAU", SÉRIE ESPECIAL, 2ª EDIÇÃO REVISTA, 2002, P. 27.

I.

Chegam-me cartas da ilha. Sustenho-as
cavalas frescas penduradas de guelras abertas
inda agora acabadas de chegar
- do mar da Serreta ou do mar das Cinco? -
num barco de São Mateus que acabou de varar.

Como posso enganar-me? O carteiro tinha cara de nabiça
e inda pingam pelo bico
a ternura acabada de pescar.

Retenho nos olhos um instante as postas que darão
de sonho no vinho da notícia e no alho bem pisado da distância.

Abro-as enfim
mariscando no mar brumoso da saudade. À parte
aparto carinhosas as espinhas ortográficas.
E chupo-as como se acabadas de fritar.

2.

Vida sanabagana. De que me serve pôr-me a maquinar
se o tempo não mudou anda barbudo as vacas amarradas

os bezerros rolhados a berrar. E o céu sempre cinzento
e o mar. Esp' rança pr' adonde estás? Pra América ou Canadar
Em volta tudo é um paredão de mar.

O coração fica-me num bolo de massa sovada
mal cozida e embolada.

E sinto a alma abatimada.



ODE A ANGRA MINHA CIDADE EM TOM DE ELEGIA

ILHA DE EMOÇÃO, NA DISTÂNCIA DESTE TEMPO. LISBOA, EDIÇÕES SALAMANDRA, COLEÇÃO "GARAIAU", SÉRIE ESPECIAL, 2ª EDIÇÃO REVISTA, 2002, PP. 29-31.

Angra oh minha cidadezinha de bolso querida
minha putefiazinha maquilada de ternura
oh rola de papo vaidoso da Memória de D. Pedro IV
do Cais das Pipas para as naus da Índia
de Afonso VI babando-se de tolo pelos Canos Verdes
oh minha tolinha inchada de orgulho
do aqui-já-foi-só-Portugal. Oh cidade de Martins Homem
petrificado em Praça Velha
mercado do saber-mundo da novidade da vida alheia
pátio do cartaz de cinema para logo à noite
depois do comércio depois da manguinha-de-alpaca
de olhos cansados e tristes
poisados para além da janela
minha capitalzinha de avental
traçada na mão papuda da hospitalidade.
Oh Angra nome de baía
cidade sentada na banquetta da tarde
cidade do mar te chamou Félix
oh minha pequena burguesinha ignorante
minha cretinazinha paspalhona
usas ainda nas trancinhas os lacinhos de fita
à antiga ainda te ficas pela
novidade do barco estrangeiro que vem

para a descarga do trigo. Ficas-te
pelo Cais da Alfândega. Lá cabe
todo o teu universo. Ficas-te pela
crença no boato de especulação política.
Ficas-te pela honesta pela criteriosa notícia
dos teus jornais habilidosamente bem colados
politiqueiros pequeninos obesos calvos beatos
mentindo com todas as verdades e insinuando
nos tentáculos das suas entrelinhas subtis.
Oh minha cidade de mar cidade de traço de pernas sensuais
crestadas pelo sol dos caijins dos calhaus da rocha
oh minha desenvergonhadinha à moda de Lisboa
imitação caricatura em diminuta escala
imitação mal imitada limitada
minha cidade de arredores bem
São Carlos de quintas e laranjais
cidade minha de arredores mal
São Mateus da Calheta cheio de vendas e pescadores.

Oh Angra cidade única e minha
cidade de nevoeiro encantado silenciosa
memória alongando-se pela bruma esvanecendo-se
já não de D. Pedro IV mas tu cidade
em ti própria renascida outra memória
verdadeiramente tua
a de
teus marginais

a de
teus infelizes operários teus pescadores do Corpo Santo
teus esfumados reformados em seus passos mudos
teus engraxadores rezingões sumidos na insignificância
teus guardas municipais de sentinas teus vendedores de
fava torrada e amendoim no Largo do
Prior das Camionetas ao pé do teu Jardim
todos os teus empregados sindicalizados e
não sindicalizados tuas empregadas
domésticas muitas delas
raparigos extremosos e prenadíssimos
que esta sim é tua verdadeira memória
é tua grande e presente memória de necessitados
e oprimidos
memória presente de todos os outros que vivem apagadamente
de um ordenado menor de gente menor
e esquecida na soleira da porta
aguardando um raiozinho de socialismo.
Oh Angra minha e amada verdadeiramente
chamada *do Heroísmo*
cidade de nevoeiro encantado
crescendo no silêncio de tantas mágoas.
Pressentem-se tuas dores em tuas noites de mãe calada
surdas e absurdas cidade perfurada
inventada retratada genuinamente nascida
na vida quotidiana de tuas
ruas de teus bairros desprezados e pobres.

Angra verdadeira coroada de trabalho de sofrimento
senhora de nunca sabida crónica esquecida de teu povo
de formigueiros imperscrutáveis que correm no sigilo de teu sangue
minha pequena cidade cosmopolita
metrópole infindável de aventuras e sonhos de maré
minha mistura de pirolito e vinho de cheiro
craca de cinco bicos na lapa da baía nascida
cálice meu perfumado
de aguardente da terra
massa sovada e suada
no alguidar de teu rosto.

Que faremos nesta terra cidade minha meu povo
a nossos corpos a nossas mãos a nossos braços
diante deste espaço de ondas inquietas?



ROTA DE ÍTACA

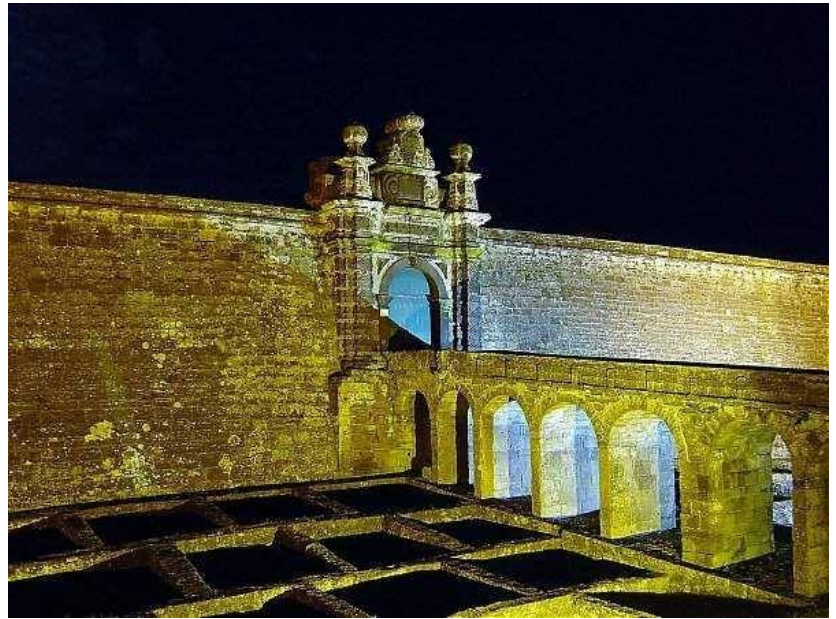


Foto: Filipe Franco in <http://clubezoom.blogspot.com/>

MARCOLINO CANDEIAS, NA DISTÂNCIA DESTE TEMPO, 2002

Mas se tenho de partir que de novo eu parta
é talvez bem melhor do que ficarem
meus pés no cais chumbados em argola
meus olhos no horizonte ao sonho a velejar.
Que eu parta. E assumo o risco de partir
fender a bruma sobre este coração cerrada
colher num bojador espinhos perfumados
partir e não saber em que angra fundear.
Largar amarras. Ir decifrando
quantos portulanos na vida houver a decifrar.
E se no fim faltar o cais para a chegada
o mar também é terra onde morar.







CREPÚSCULO NA ILHA

ILHA DE EMOÇÃO, NA DISTÂNCIA DESTE TEMPO. LISBOA, EDIÇÕES SALAMANDRA, COLEÇÃO "GARAIAU", SÉRIE ESPECIAL, 2ª EDIÇÃO REVISTA, 2002, P. 33.

I

O dia morre como se adormecessem vozes
nas bocas dos animais
tecidas
num esvoaçar de sons

II

O lavrador vestido de suor
planta no bater da estaca
o gesto último
de quem prende à terra toda a sua vida

III

No cheiro a erva
um sonoro subtil soar de silêncio
brota um crepúsculo de flores esmagadas

IV

No ar
paira um odor calado a maresia



ROTA DE ÍTACA

"ÍTACA", NA DISTÂNCIA DESTE TEMPO. LISBOA, EDIÇÕES SALAMANDRA, COLEÇÃO "GARAIAU", SÉRIE ESPECIAL, 2ª EDIÇÃO REVISTA, 2002, P. 41.

Mas se tenho de partir que de novo eu parta
é talvez bem melhor do que ficarem
meus pés no cais chumbados em argola
meus olhos no horizonte ao sonho a velejar.

Que eu parta. E assumo o risco de partir
fender a bruma sobre este coração cerrada
colher num bojador espinhos perfumados
partir e não saber em que angra fundear.

Largar amarras. Ir decifrando
quantos portulanos na vida houver de decifrar.

E se no fim faltar o cais para a chegada
o mar também é terra onde morar.



Marcolino Candeias



Para a Deka

Não tem sabiá aqui nem tem palmeiras. Aqui rapadura não tem meu bem
nem pé-de-moleque nem brigadeiro metido
em tudo quanto é sítio. E mesmo
teu pezinho de jabuticá meu bem
já virou quindim
lá bem no meiinho da chacinha da memória.
Aqui saudade às vezes tem. Te bate negra.
Mas não dá princesa pra chamar a polícia.
Isso são uns bem caipira nem sabem o que é
cachaça. Tudo
uns tatu velho que não tem mais jeito.
É quando de Chico pra Gilberto e de Elis pra

Bosco tu viras sagui
e por toda a casa
Uma orgia de orixás
bota uma alegria danada que desconchava
direito
esta minha sisudez de quem nasceu no mar.
Aqui meu bem não tem sabiá não.
Aqui tem só uma gracinha sorrindinho.
Tem você, né?
Marcolino Candeias

(Montréal, Novembro, 1990)

PARA A DEKA

(MONTRÉAL, novembro, 1990)

Não tem sabiá aqui nem tem palmeiras. Aqui rapadura não tem meu bem
nem pé-de-moleque nem brigadeiro metido
em tudo quanto é sítio. E mesmo
teu pezinho de jabuticaba meu bem
já virou quindim
lá bem no meiinho da chacinha da memória.
Aqui saudade às vezes tem. Te bate negra.
Mas não dá princesa pra chamar a polícia.
Isso são uns bem caipira nem sabem o que é cachaça. Tudo
uns tatu velho que não tem mais jeito.

É quando de Chico pra Gilberto e de Elis pra Bosco tu viras sagui
e por toda a casa
Uma orgia de orixás
bota uma alegria danada que desconchava direito
esta minha sisudez de quem nasceu no mar.
Aqui meu bem não tem sabiá não.
Aqui tem só uma gracinha sorrindinho.
Tem você, né?



APRESENTAÇÃO TONS DO SUL

BREVE DISCURSO AOS MEUS AMIGOS

Meus amigos
meus amigos de escola meus amigos de liceu e de universidade
que juntos fizemos a maquete de um novo mundo
meus amigos de pândega meus amigos das touradas da minha adolescência
que uns aos outros nos embriagávamos de tanta esperança.
Oh meus amigos de café de cerveja gelada e coração fervente
que resolvíamos a paz e a guerra e inventávamos a justiça social
todos os meus amigos das artes que sonhávamos até ao clímax da fúria
a utopia suprema
e expurgávamos do mal todo o universo para o fazer só de beleza.
Meus amigos da ciência que em serões enchíamos de generosidade as retortas do
progresso
em que inventávamos novas energias e as novas maravilhas do paraíso terrestre
e por que não
dos meus amigos os melhor penteadinhos das ideias então apenas futuros
hoje consagrados já vedetas mesmo fragatas e cruzadores da política
— se é que na política meu Deus aqui pra nós o Senhor acha que?

Ah todos os meus amigos sem falhar nenhum
intelectuais semi para-intelectuais e sindicalistas
quantos quintais de verbo imolávamos ao porvir.

Meus amigos todos do mundo inteiro que nunca conheci que nem hei de conhecer
meus inimigos e mesmo os menos amigos

toda a charanga da imprensa escrita e da falada
e mais a do cochicho e a do dizquedizque também.

Todos.

Ah meus amigos meus inimigos
nós que inventámos a computação de bolso e o laser
nós que viajamos no imo do invisível
nós que fazemos a carambola com neutrões
nós que manipulamos a ADN como um castelo de Lego
nós mesmos que bordejamos as costas do cosmos
nós os que glorificamos
nós os que descreditamos
nós os que desacreditámos da democracia
e quisemos o mundo livre e melhor
nós que gravamos no perfeito absoluto da matéria
a perpetuidade do Hino à Alegria
nós que operámos tanta maravilha.

Nós que fazemos Jugoslávias e permitimos Somálias e Timores
e que incubámos novas suásticas
sob a asa da nossa inconsciência.

Nós que por lucro e desleixo fazemos marés negras
e por conveniência e hipocrisia
ousámos admitir que dos falos fumegantes da indústria
era Juno mesma que se ejaculava

em jatos de progresso sobre as nações da Terra.

Nós que criamos as chuvas ácidas
cuspiendo para o ar nossa arrogância
nós que satisfeitos e inconsequentes
multiquotidianamente abrimos a porta do frigorífico
e que de higiénicos tanto apertámos o desodorizante
que mesmo daqui debaixo
rasgámos as cuecas de S. Pedro.

Nós que nem mesmo já precisamos de alma
para sermos humanos e imortais.

Nós que
já nem de nós mesmos conseguimos dizer as maravilhas.

Nós operámos o inoperável
e arrotando à glória de Deus realizámos o impossível.



COM JORGE CORREIA



ONISIMVS LITERARVM AZORICAE APOSTOLVS ET OIBI TERRARVM PEREGRINVS - VRBANS PIGROSVS
 ET LITERARIAE CRITICAE SVVS SACERDOS - CAROLVS ALBERTVS ANGRAE ET AZORICARVM INSVLARVM
 HABILIMVS CANTOR - VASCVS GONIMBUCENSIS CVLTIVRAE AZORICAE PRETOR - EDVARDVS ANGOMENSIS
 TRAMTOR AZORICIS INSVLS NON NATVS - VICTOR PVTVS GVITARRARVM - EMMANVEL MAGISTER
 SVPERNVS BISTARVM VINDITOR ET REDTOR ARVM - MARGVS LINVS LAZARI VITAE CRIBATOR ET
 NARRATOR - IVVS INSCOTTENSIS OPORIT ET IBERIAE POETA - ALAMVS THEATRARTIS MAGISTER
 ET ALPENIVS AMVS - DIONISIVS CALIFORNENSIS CVLTIVRAE LVSAE APOSTOLVS ET SYMPOSI
 FILAMENTVS PONTIFEX MAXIMVS - MANVEL NORVEGAE VIKING REGNI HEROICVS RESISTENS
 - VAMVERTVS PLVMAE ET LINGVAE PROFICVS ET LITERARVM AZQUABPON TIFEX
 - MARCVS LINVS BICY A.D. MMII -

MONTAGEM DO AUTOR



O AUTOR COM A FAMÍLIA

KATIA DUTRA

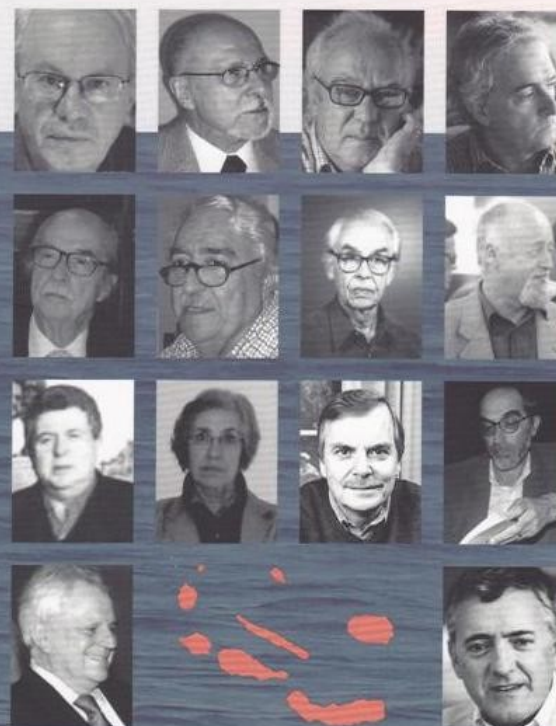
VAGO - o OLHAR



Antologia Bilingue de Autores Açorianos Contemporâneos

Helena Chrystello / Rosário Girão

Bilingual Anthology of Contemporary Azorean Authors



calendário
de letras

“Eis-me de pé...”

Eis-me de pé nos caminhos do crepúsculo
braços abertos em minha própria nudez
meu peito arqueando seu manto de esperança
assim aqui estou esperando a madrugada

Eis-me de pé nos caminhos do silêncio
Meu corpo tem a forma de dolorosas brumas
Pedirei a Picasso que mo deforme e mo faça belo
pois eu estou esperando a madrugada

Crianças riem
seu riso é vidro quebrado
Jamais seu riso foi pássaro azul
murmurar de água ou flor no campo
porém em breve não-de ser meninos
Todos comigo sujos e descalços
iremos esperar a madrugada

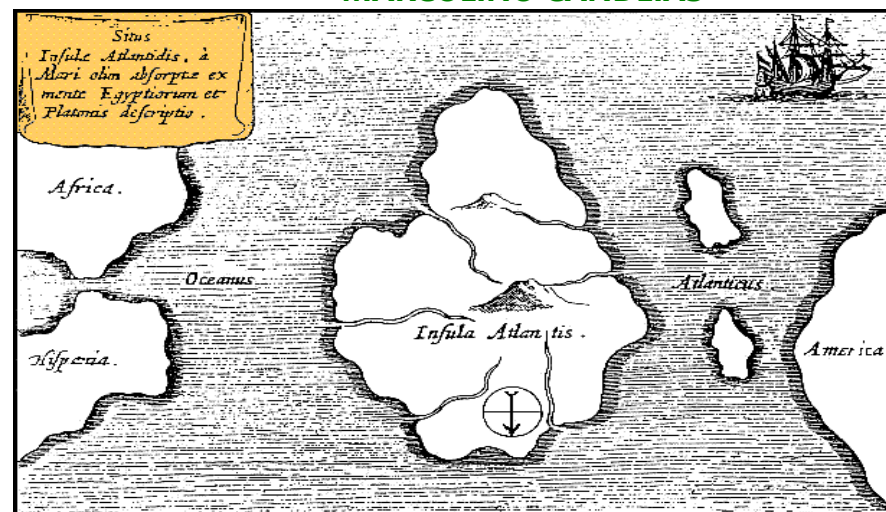
Os cães ladram à manhã que se aproxima
contudo mesmo para eles ela virá
e é por isso que de pé nos caminhos do crepúsculo
continuo marchando em direcção a ela

MARCOLINO CANDEIAS

CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS

CADERNO # 15- Edição junho 2012

MARCOLINO CANDEIAS



Todas as edições em www.lusofonias.net

Editor AICL - Colóquios da Lusofonia

(Chrys Chrystello EDITOU ESTE NÚMERO)

Coordenação Chrys e Helena Chrystello

CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia para todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)



Editado por

Colóquios Da Lusofonia

(AICL, Associação Internacional Colóquios Da Lusofonia)